A cidade e os terreiros: os zeladores de santo e a construção do imaginário sobre Codó-MA

Romário Chaves
Oliveira¹

The city and the
terreiros: the saint-
watchers and the
construction of the
imaginary about
Codó-MA

<http://dx.doi.org/10.12660/rm.v9n14.2018.73820>

¹ Especialista em Docência do Ensino Superior pelo Instituto de Ensino Superior Franciscano. E-mail: romariochaves01@hotmail.com.

Resumo:

Os zeladores de santo são aqueles que cuidam das obrigações espirituais dos filhos de santo e guardam a sabedoria das entidades. O objetivo deste trabalho é analisar a presença dos zeladores de santo e seus terreiros para a constituição imagética da cidade de Codó-MA. A metodologia empregada foi a História Oral, através da qual realizamos entrevistas com os zeladores de santo, além da análise de trabalhos que versam sobre a história da cidade Codó e a sua relação com a instituição dos terreiros religiosos, evidenciando essa cidade pelo viés do imaginário.

Palavras-chave: terreiro; cidade; Imaginário.

Abstract:

The saint-watchers are those who take care of the spiritual obligations of the sons of saints and guard the wisdom of the entities. The objective of this work is to analyze the presence of the caretakers of santo and its terreiros to the imagistic constitution of the city of Codó-MA. The methodology used was the Oral History, through which we conducted interviews with the caretakers of santo, besides the analysis of works that deal with the history of the city Codó and its relation with the institution of religious terreiros, evidencing this city by the bias of the imaginary.

Keywords: terreiro; city; imaginary.

Codó está localizada na Mesorregião leste maranhense, distante 290 km da capital, São Luís. Possui cerca de 120.000 habitantes, distribuídos numa área de 4.361,32 km² (BRASIL, 2010). A cidade de Codó é conhecida e reconhecida pela tradição dos terreiros¹ de Terecô². “Tenda, Terreiro, barracão e Salão são utilizados como sinônimo e remetem aos espaços rituais onde se dança Terecô” (AHLERT, 2013, p. 14). Mães de santo e pais de santo fazem parte do cotidiano do lugar, assim como o lugar faz parte do cotidiano das tendas dessa manifestação religiosa. As origens da cidade de Codó e sua “tradição” religiosa são marcadas não apenas pelo material, mas também pelo intangível.

A cidade é fortemente influenciada pela lida dos caboclos³ e orixás⁴. Esses estão envolvidos pelos zeladores de santo⁵ em um emaranhado de contradições, singularidades, aceitações e preconceitos.

Na natureza de justificar a estrutura intrínseca deste texto, convém ressaltar que a constituição imagética da cidade de Codó é formada em virtude dos trabalhos acadêmicos que legitima a urbe como terra da magia e pela história de vida dos zeladores de santos, desde o momento que entram na religião, bem como a origem dos seus terreiros. Durante o trabalho será apresentada uma visão historiográfica da cidade, mas tendo em vista que estamos lidando com a memória, a ordem cronológica dos fatos não será aprofundada.

Na historiografia oficial a cidade recebeu um grande aglomerado de pessoas por após a implantação da Companhia Manufatureira fundada em 1892. Contudo, é permitido pensar na possibilidade de a cidade ter crescido pela influência da forte religiosidade de matriz africana que fez pessoas irem para Codó. O desejo de alguns zeladores em estarem próximos de alguém que pudesse ajudá-los na vida espiritual, do mesmo modo que conduzir as atividades de zelo dos encantados⁶, fez com que alguns pais e mães de santo se dirigissem

¹ O termo terreiro será empregado nesse trabalho para se referir as Tendas de Terecô da cidade de Codó.

² Terecô é a denominação de uma das religiões afro-brasileiras originada no município de Codó no Maranhão. Os sacerdotes desempenham funções de rezadores e curandeiros, tipificados de origem indígena.

³ Os Caboclos pertencem à uma linha de muita força espiritual, são naturalmente guerreiros, poderosos e humildes.

⁴ Os orixás são deuses africanos que correspondem a pontos de força da Natureza.

⁵ Este termo será utilizado no decorrer do trabalho para se referir aos pais de santos e mães de santo, visto que muitos praticantes da religião de matriz africana preferem ser chamados de zeladores de santo. Essa intitulação é dotada de um profundo significado, pois é um termo sincrético utilizado tanto nos terreiro quanto no catolicismo. Expressa a dedicação de homens e mulheres aos serviços dos encantados; recebem, também, o nome de Pais e Mães de Santo, Cavalos de Santo. Eles são líderes religiosos, uma vez que coordenam pessoas (Filhos de Santo), fazem festejos em honra aos seus encantados. Além disso, conduzem as obrigações, ou seja, têm responsabilidades inerentes na comunidade tais como: benzimentos, intercessão junto aos encantados ou orixás para abrir caminhos de prosperidade, amor, enfim, conforme os interesses de quem os procuram.

⁶ “No Maranhão o termo encantado é encontrado nos terreiros de Mina, tanto nos fundados por africanos, quanto nos “mais novos” e sincréticos, e nos salões de curadores e pajés. Refere-se a uma categoria de seres espirituais recebidos em transe mediúnico, que não podem ser observados diretamente ou que se acredita poderem ser vistos, ouvidos e sentidos em sonho, ou por pessoas dotadas de vidência, mediunidade ou de percepção extrassensorial, como alguns preferem denominar. Os encantados, apesar de totalmente invisíveis para a maioria das pessoas, tornam-se “visíveis” quando os médiuns em quem incorporam manifestam alterações de consciência e assumem outra identidade. Apresentam-se à comunidade religiosa como alguém

a Codó. A respeito disso, Dona Maria dos Santos, filha de santo de um dos primeiros terreiros da cidade declara que:

Eu tinha minha casinha lá em São Luís, uma salinha pequena que eu fazia sessão. Chegava uma pessoa, eu fazia o benzimento, banho e aí, quando foi no governo do Castelo, eu pedi uma nomeação, que eu era lavadeira dele aqui. Tava em São Luís, com dois anos ele me deu quando a nomeação saiu pra cá. Ou eu vinha ou eu perdia a nomeação. Tudo tava direcionado pra Codó. Ai foi época que eu vim e ela (Antoninha) me entregou o salão. Eu to aqui até hoje, até na hora que o Pai celestial determinar⁷ (SANTOS, 2015).

Desta maneira, a chegada de Dona Maria dos Santos não ocorreu por sua própria vontade, sendo sua chegada relacionada a fatores que contribuíram para que ela fosse morar em Codó. Assim, ela acreditou que o seu encantado exerceu forte influência para que sua nomeação se direcionasse a referida cidade. Nessa sequência, é permitido pensar o quanto a memória dos zeladores de santo é importante para ajudar no processo de constituição da história de uma cidade. Com outra ótica, o tempo acumulado em suas experiências vividas torna possível o relato emotivo da história de Codó.

Os zeladores de santo de Codó são aqueles excluídos da cidade que narram a urbe através das suas subjetividades em um lugar erguendo um espaço – o terreiro, para então experimentar a cidade. Quando um zelador de santo aceitou morar em determinado lugar da cidade não foi por acaso, mas configura-se como uma vontade dos seus encantados. Eles que determinam onde deve ser instalado um terreiro ou, pelo menos, aceitam a escolha do local. Tudo isso permite pensar a oralidade e as memórias como destaques influenciadores no processo de valorização das cidades e concepção da sua espiritualidade.

Sobre a sensibilidade como força impulsionadora do fabuloso, Sandra Jathay Pesavento (2007) destaca que a realidade de uma cidade, mesmo estereotipada, pode ser inserida na memória do indivíduo e provocar o reconhecimento da urbe, assim como também as cidades representadas pelas imagens visuais onde entram em comunhão com as imagens mentais as quais possuímos.

A concepção de Pesavento (2007), utilizada nesse trabalho para se pensar a cidade, é importante, dado que o objeto dessa pesquisa são as memórias dos zeladores da cidade de Codó. A categoria cidade é discutida em virtude de ela ser um espaço onde ocorreu as fundações dos primeiros terreiros. Conforme Maria Izilda Santos de Matos (2007), ela é um território de memórias:

que teve vida terrena há muitos anos e que desapareceu misteriosamente ou tornou-se invisível, encantou-se” (FERRETTI, 2000, p. 15 *Apud* AHLERT, 2013, p. 19).

⁷ Adotou-se no decorrer deste trabalho a fala coloquial dos entrevistados. Além disso, houve uma edição das falas no sentido de melhorar a compreensão.

Cabe também entender as cidades como um território que condicionam múltiplas experiências pessoais e coletivas. Sob a cidade fisicamente tangível descortinam-se cidades análogas invisíveis, tecidos de memórias do passado de impressões recolhidas ao longo de experiências urbanas. (MATOS, 2007, p. 25).

A cidade analisada nesse trabalho não se conceitua apenas pela materialidade, mas também por uma imaginação latente na vida dos codoenses, e principalmente dos primeiros zeladores de santo e seus respectivos terreiros. As entidades, que ocupam esse papel do metafísico, fazem parte de suas vidas e influenciam fortemente na escolha de um local para a estruturação de um terreiro.

Muitas marcas são apagadas, a materialidade e sociabilidades do passado são trazidas pelo esforço do historiador. Por isso, Pesavento (2007), manifesta a magnitude da ideia de pertencimento de uma cidade. Para ela, a urbe é individualizada, personifica modos, carrega relíquias e o narrador revê não apenas as coisas, mas o significado delas.

São muitas as situações de aflição e sofrimento encontradas nas memórias dos zeladores de santo. É nas primeiras manifestações dos encantados no seu corpo por meio de sonhos, visões e doenças que eles tiveram a ajuda de entidades e de outros pais de santo para resolver seus problemas espirituais. Depois de cuidados e curados, com o passar do tempo e com sua dedicação à encantaria, eles também se tornaram pessoas capazes de curar, cuidar e trabalhar com as entidades e similarmente entender a força mítica dos encantados em suas vidas.

Compreende-se que para discutir cidade é necessário compreender essa categoria em suas diversas reflexões, visto que ela envolve elementos outros os quais são relevantes para o historiador estudar a cidade em sua totalidade.

A história da cidade de Codó foi sendo escrita não apenas pela historiografia, mas pelas imagens as quais ficaram na memória desses líderes religiosos por isso, entendemos que nesse processo, oralidade é, sem sombras de dúvidas, uma história formada por estilhaços onde a memória torna-se item valioso nesse processo. Com toda fluidez, o conhecimento constituído a partir da oralidade está sempre se reformulando adquirindo novos valores conforme a fala de cada depoente.

A Cidade de Codó enquanto terra da magia

Em 1896, aconteceu a campanha de emancipação para que a Vila recebesse o galardão de cidade. A família Bayma tomou parte nesse processo, principalmente o senhor Francisco Sergio Bayma, que era sobrinho de Manoel Ferreira Bayma. Assim, conforme

Machado (1999), Codó tem em sua constituição histórica as figuras de intendentess, prefeitos e alguns interventores. A fusão política tornou-se inevitável com a chegada de Sebastião Archer, que a princípio vem para ajudar na administração, mas, em pouco tempo, tornou-se o maior acionista da fábrica Companhia Manufatureira e Agrícola do Maranhão (1892) e uniu matrimônio com Maria José Bayma.

Nos anos de 1780 a 1790, havia a presença de grandes fazendas como as dos Brandão, Colares Moreira e Salazar, com forte presença de negros escravizados. Conforme Machado (1999), no ano de 1873 havia na cidade um contingente africano de 6.550 escravos. Nesse seguimento, a religião de matriz africana adquiriu as mesmas proporções, gerando ramificações em a toda cidade. Codó foi delineada por diversos acontecimentos favoráveis ao crescimento desordenado da cidade, mas que obedeceu, também, a uma força de coerção capaz de modelar o lugar; é nesse aspecto que Sullivan Charles Barros (2000), assegura que no mundo imaginário, os participantes vivem, concebem e produzem, por meio do culto e dos rituais, as suas conexões com os deuses e a interferência desses deuses em suas experiências cotidianas.

A literatura historiográfica dá a conhecer diversos fatores que contribuíram para o aumento populacional de Codó. Os escritos oficiais apontam para um crescimento maior a partir da Companhia Manufatureira e Agrícola do Maranhão, a qual foi responsável por trazer muitas pessoas para a cidade, outro fato, também postulado por pesquisas acadêmicas, nomeia o êxodo rural como força que perfaz o desenho citadino.

Desde a chegada dos negros no final do século XVIII, Codó adquiriu novo significado, em se tratando de religiosidade, visto que, a partir daquele momento, as influências de matriz africana foram inseridas no município. Jéssica Cristina Aguiar Ribeiro (2012) formatou seu trabalho partindo da problemática de se pensar como se deu a predisposição da representação da cidade de Codó como a “terra da macumba”. A autora se refere a essa marca nos codoenses como “estigmas” que assinalam as pessoas que vivem nessa cidade.

Ribeiro (2012), detém-se nos antigos e atuais líderes religiosos para mostrar as representações de Codó como “terra da macumba”, partindo das marcas deixadas por esses condutores do Terecô da cidade. É demonstrada a grande influência do pai de santo Bitá do Barão entre os políticos, os quais vêm a Codó em busca do Mestre para alcançar seus objetivos. Segundo Ferretti apud Ribeiro (2012), desde 1986, a tenda Umbanda Rainha Iemanjá tem acolhido políticos como Antônio Carlos Barcelar e Magno Bacelar.

A autora chama a atenção para o quanto os conceitos a respeito dessas pessoas vão sendo modificados, uma vez que no início a cidade era vista como lugar de bruxaria e, aos poucos, foi adquirindo um retrato de lugar de feitiçaria ou capital da magia negra. Tudo isso porque no início, a propagação das práticas religiosas acontecia por pessoas como Maria Piauí, Deus Quiser e Tobias que durante muito foram denominado “bruxos” da cidade.

Para tanto, aprecia as análises realizadas sobre o papel da mídia na divulgação de estigmas da cidade de Codó e Bitá do Barão. Para isso, Ribeiro (2012), analisa o documentário que foi exibido em 22 de maio de 1994, pela TV Bandeirante em um programa

exibido em rede nacional denominado “Domingo 10”. Nesse documentário, apresentado por Marília Gabriela, foi presumível apreender nas entrelinhas que, de forma latente, afirmava-se o envolvimento de Bitá do Barão com o ex-presidente da República José Sarney e que o falecido Tancredo Neves teria sua vida ceifada por trabalhos de magia negra. E para culminar essa marca de Bitá do Barão, o ex-presidente da República José Sarney ofereceu para o Mestre, com o apoio de um Centro de Estudos de Ciências Jurídicas e Sociais, o título de Comendador da República. Sobre esse acontecimento, seu Aluizio Mota narra:

E a gente tá aqui e não pode negar. Olha, uma vez eu lembro muito bem dessa história. Chegou uma pessoa aqui, eu não conhecia a moça, ela queria apresentar um trabalho e tinha ido na casa do Domingos Paiva. Minha mãe de santo era viva e tinha ido em outro terreiro muito famoso aqui em Codó. Se a pessoa tivesse feito algum mal para alguma pessoa, como que eu ia repor aquele mal, acabar aquele mal? Então eu tinha que fazer um bem para chegar àquele benefício. Ai minha mãe Antoninha disse que eu poderia fazer. Ai minha mãe aceitou e disse que como era só para demonstrar, eu podia fazer. Sabe que depois que a gente começou o trabalho o guia disse: “você é uma pessoa muito importante”. E não era a Marília Gabriela? Nesse tempo aqui tinha um jornal chamado Cidade Reclama de Dejalma Siqueira. Eu fui até convidado para falar. Teve gente que se ignorou muito. Teve gente que morava no Rio e falou que tinha vergonha e que não pisava mais no Codó. (MOTA, 2015).

E Ahlert (2013, p. 18) acrescenta:

A fama da cidade como “*capital da magia negra*” tem sido impulsionada também pela exploração midiática intensa - em grande parte estigmatizadora e preconceituosa - da profusão de tendas de religiões afro-brasileiras e dos atendimentos realizados por pais e mães de santo. Neste sentido, Codó aparece como a “*Meca dos políticos*” que a visitam para realizar trabalhos e vencer eleições, como terra do pai de santo de José Sarney (*grifos do autor*).

Ribeiro (2012), percebe que o discurso acadêmico pode legitimar ou negar aquilo que foi tido como realidade; neste caso, os estigmas. A autora, embasada por Michel Foucault, expõe a noção de saber-poder que como tal tem a capacidade autenticar, de forma simbólica, alguns aspectos científicos. Nessa acepção a autora conclui que na cidade de Codó há muitos trabalhos acadêmicos concebidos por codoenses que ora legitimam, ora negam o entendimento de Codó como terra da macumba.

As reflexões sobre as perseguições às práticas de magia e religiosas são abordadas pela autora. A historiadora dá a conhecer ao leitor os principais terreiros da cidade afirmando que isso legitima Codó como “Meca da Feitiçaria”. Assim, os terreiros são vistos

pela autora como espaço material e simbólico porque eles contribuem para uma visão de “Cidade Negra” com o grande número de terreiros que há no município. Quando surgiram os primeiros terreiros, o quimérico sobre as práticas religiosas era de caráter negativo, pois era visto como sinônimos de atraso e que contrariava as ideias da época, numa cidade onde a maior parte da população era negra, tornava-se importante para a elite investir na política do branqueamento.

Ao escrever sobre a história do terecô, (...)mesmo antes da chegada da umbanda⁸ e da quimbanda⁹ na cidade, existiam grandes feiticeiros conhecidos por realizarem trabalhos tidos como ambíguos. Foi, entretanto, com a expansão do panteão das entidades recebidas na cidade, a partir da umbanda, que exus e pombagiras se tornam parte do que seria o imaginário sobre o medo e magia negra. Para o autor, este imaginário era experienciado no cotidiano dos sujeitos, onde funcionaria como um “operador lógico que estabelece relações de hierarquia (AHLERT, 2013, p. 32).

Para mais, Ribeiro (2012), traz à luz os festejos na Tenda Espírita de Umbanda Rainha Iemanjá comandada pelo Mestre Bitá do Barão. Na etnografia, ela relata a sua experiência em participar das festividades, das entrevistas realizadas com membros da casa e da reação de outras pessoas no que concerne à sua pesquisa. Nessas entrevistas Ribeiro (2012) adquire conhecimentos sobre as práticas religiosas e sobre a hierarquia da casa. Tudo isso, escreve a autora, para mostrar que a categoria macumba, termo utilizado pela autora, não dá conta de incluir todas as práticas religiosas realizadas na Tenda Espírita Umbanda Rainha Iemanjá, no sentido de desmistificar aquilo que é proposto pela mídia.

Mediante tudo isso, percebe-se que é inegável a consideração da religião de matriz africana na cidade dos mistérios e encantados. Os acontecimentos religiosos contribuíram fortemente para que a notoriedade de Codó chegasse a outras instâncias, levando consigo os fatos religiosos e fazendo com que outros lugares conhecessem a áurea da cidade como a terra de magia.

Tendo em vista a discussão feita acima, nota-se que a concepção imagética obedece a um processo cujas partes têm seus méritos e suas consequências sobre a chegada do negro, a legitimidade feita pelos acadêmicos e pela mídia os quais oportunizaram a veiculação da magia codoense.

Os africanos vieram para o Brasil de forma desumana, foram obrigados a deixar a sua terra, os seus reinos, foram separados de seus parentes, mas não poderiam jamais deixar aquilo que estava dentro deles, a sua cultura e sua fé, mas, sobretudo a sua identidade que

⁸ A Umbanda é uma religião brasileira que sintetiza vários elementos das religiões africanas e cristãs, porém sem ser definida por eles. Formada no início do século XX no sudeste do Brasil a partir da síntese com movimentos religiosos como o Candomblé, o Catolicismo e o Espiritismo. (BARNES, 1997).

⁹ A palavra "Quimbanda" (Kimbanda) vem da palavra africana em Bantu que significa "curador" ou "shaman", também se refere a "Aquele que se comunica com o além".

foi a força motriz para que os mesmos pudessem resistir silenciosamente ao etnocentrismo. Nessa lógica, ao fixar em Codó, deram um novo sentido para esta terra. A forma deles se refugiarem dentre tantas que já se conhece como a dança, a música e a esperança de um dia voltar para a África. Há também a necessidade de oferecer à nova terra, Codó, uma áurea singular, a magia da cidade que vai se edificando antes mesmo da formação de suas ruas, avenidas e bairros.

Com vistas a essa discussão sobre a formação dos bairros na cidade de Codó, é importante entender a atuação desses primeiros terreiros no momento em que surgiram os bairros onde estão situados esses respectivos espaços e analisar a dimensão da Igreja Católica. O catolicismo foi e é um forte instrumento de elaboração da cultura. Barros (2000) chama atenção para a diferenciação entre catolicismo definido pela Teologia e pelo Direito Canônico e o catolicismo popular. O primeiro nunca existiu, é fruto de uma abstração de teólogos, o segundo existiu em virtude da tentativa europeia de implantar a sua cultura em um ambiente totalmente diferente.

A inter-relação entre catolicismo e religião de matriz africana em Codó obedece à dinâmica do segundo conceito, visto que a religião africana absorveu muitos aspectos do catolicismo como forma de resistência. Os praticantes da religião de matriz africana foram colocados distante do centro da cidade para exercerem ocultamente seus cultos. Ao seguir essa lógica, Codó apresenta bairros com grande incidência de terreiros de Terecô.

Com os dados em mãos, observou-se primeiramente o Bairro São Benedito, o qual está concentrado a Tenda Santo Antônio de Dona Maria Iracema da Conceição. Nos dias atuais, o terreiro que se encontra no Bairro São Benedito está sob cuidado da mesma, mas anteriormente, no período de sua fundação, esse terreiro estava sob a responsabilidade de Dona Maria Piauí. Dona Iracema discorre que no início do terreiro havia apenas uma senhora de nome Raimunda que também tinha um terreiro. Segunda sua fala: “Tinha da finada Raimunda, mas se acabou e hoje é casa de aluguel. A família dela a metade é crente, o marido e o filho. Eles tiram as imagens, tem gente que tira a telha, muda o piso e o assentamento, eles quebraram tudo”. Percebe-se que já havia outras pessoas que ocupavam esse local e que também praticavam o Terecô. Dona Maria dos Santos Sardinha, menciona outros nomes de moradora nesses lugares, que hoje pertencem ao Bairro São Benedito.

Quando eu me entendi, achei foi da dona Maria Piauí e do seu Eusébio Bijansem, bem ali onde é aquele supermercado Carvalho. Depois veio vindo a Roxa, dona Dalvina, seu Eduardo e depois veio o seu Chico Fateiro. Depois botaram um bem ali na Rua Patí, mas não foi avante. Chico Fateiro morreu. Depois veio seu Mundiquinho do interior e fundou o dele lá embaixo! Eu sei que o nosso aqui tem uns 45 anos para 46. (SANTOS, 2015).

Nesse depoimento destaca-se o senhor Chico Fateiro. Esse zelador de santo, já

falecido, também morou onde hoje é o Bairro São Benedito. Desse modo, o Senhor Chico Fateiro foi o quarto terreiro depois de Eusébio Jânsen e Maria Piauí. A rua do Patí está situada no Bairro São Francisco, bem como o do Senhor Raimundo Nonato dos Santos que atende pelo nome religioso de Mundiquinho. Assim, os bairros citados são os pioneiros no processo de fixação dos terreiros da cidade.

O triunfo dos terreiros na ocupação desses espaços tornou-se constante a ponto de proporcionar um fenômeno de crescimento considerável dentro da cidade. Após a década de 1960, outras pessoas chegaram a diferentes pontos dos bairros, com forte incidência no São Francisco e se fixaram. É importante salientar as fronteiras entre um bairro de elite e o outro segregado, os quais podem ser visíveis e invisíveis.

Mas nem sempre esta separação é assim tão simples. A segregação também se escreve por símbolos. A fronteira entre um bairro popular e um bairro da gente mais rica pode ser uma esquina, uma ponte, uma imagem, ou nem sempre se colocar de maneira muito precisa. Por outro lado, as cercas e fronteiras imaginárias que estabelecem o lugar de cada atividade e de cada um dos moradores têm códigos que pode ser também decifrado pelos sociólogos e historiadores (BARROS, 2007, p. 76).

Nota-se que a cidade vai ganhando em suas ruas, becos avenidas e principalmente nos bairros a magia da encantaria, pois as pessoas que se fixaram nesses locais foram aos poucos formando a excepcionalidade da cidade de Codó. A lógica da segregação é acompanhada da imaterialidade, pois ao mesmo tempo em que pessoas vão morar nos locais mais distantes, há presente neles um desejo latente de estar mais próximo da natureza, de ocultar suas práticas as quais sempre foi motivo de castigos e de etnocentrismo.

A tabela abaixo mostra o nome dos terreiros do bairro São Francisco. Assim, percebe-se que há uma total de 22 tendas. A coluna, que demonstra os endereços chama atenção para os terreiros que estão localizados na mesma rua do bairro como, por exemplo, a Rua São João que contém 02 tendas; Rua Moisés Reis com 02 tendas; Rua Paraguai com 03 tendas; e Avenida Primeiro de Maio com 03 tendas.

TENDA	ENDEREÇO	NOME
TENDA SÃO JORGE	Rua São Francisco 1104	Maria Benedita Dias
TENDA ESPIRITA DE UMBANDA SÃO MIGUEL ARCANJO	Rua São João 1400	Maria do Socorro de Araújo
TENDA ESPÍRITA DE UMBANDA SÃO	Rua Moisés Reis,	Benedito Muniz Raul

BENEDITO	1042	
TENDA ESPÍRITA DE UMBANDA BOA FÉ FILHO DA TRINDADE	Rua São Raimundo, 1191	Vicência Merandelina da Silva
CASA DE CANDOMBLÉ XANGÔ E OXALÁ	Rua Paraguai, 1273	Beatriz dos Santos Bandeira
TENDA NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO	Rua Rio de Janeiro, 1452	Benedito Dias
TENDA ESPÍRITA DE UMBANDA RAIOLAR	Av. Primeiro de maio, 476	Josenilde Paiva
TENDA ESPÍRITA DE UMBANDA SANTA BARBARA	Rua Paraguai, 1366	Domingos Sousa
TENDA ESPÍRITA DE U. C. A. BRASILEIRO, SÃO BENEDITO E SÃO JOSÉ DE RIBAMAR	Rua Magalhães de Almeida, 1168	João Tavares
CENTRO DE ORAÇÃO SÃO JORGE GUERREIRO	Rua Distrito Federal, 1199	Paulo César Silva Vasconcelos
TENDA UNIÃO DOS FILHOS DA CASA DOS ORIXÁS	1ª Travessa 1ª de Maio, 1655	Pedro César Santos Sousa
TENDA ESPÍRITA DE UMBANDA SÃO DOMINGOS	Rua do Acre, 1187	Raimundo Brandão de Pinho
TENDA ESPÍRITA DE UMBANDA NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO	Rua Paraguai, 705	Terezinha de Jesus Guilhaon
TENDA E. U. C.A. B. YLÉ AXÉ DE OXOSSE E OXUM	Rua Des. Vasconcelos Torres, 1658	Nilza Viana
TENDA SÃO JERÔNIMO	Rua: Rio de Janeiro 935	Maria das Neves Rocha
CENTRO NOSSA SENHORA APARECIDA	Rua: José Rosa 1772	José Roberto da Silva
TENDA SENHORA SANTANA	Avenida 1ª de maio 1650	Claessio Viana
TENDA ESP. DE UMBANDA SENHORA SANTANA	Rua São João 1259	Francisco de Assis de Melo Araújo
SALA DE CURA CABANA DE PRETO VELHO	Rua José Merval Cruz, 645	Maria de Jesus Sousa
TENDA ESPÍRITA DE UMBANDA SANTO ANTONIO	Av. 1ª de maio	Raimundo Nonato dos Santos
TENDA ESPÍRITA DE UMBANDA SÃO BENEDITO	Rua Moisés Reis, 1042	Benedito Muniz Raul
TENDA ESPÍRITA DE UMBANDA SANTA HELENA	Travessa Moacyr Machado, S/N	José Maria da Conceição

Tabela 01 Terreiros de Terecô no Bairro São Francisco.

Fonte: Secretaria de Cultura e Igualdade Racial.

Ressalto algo que foi considerado como hipótese, quando se suscitou a possibilidade dos bairros adquirirem o nome dos respectivos santos por causa do santo festejado no primeiro Terreiro de santo do bairro, uma vez que a maioria dos bairros da cidade de Codó intitula-se pelos nomes dos santos festejados pelo catolicismo.

A Igreja Católica avançou significativamente a respeito disso no sentido que ela adota nomes de santos do catolicismo para nomear o bairro São Benedito. É bom salientar que o bairro onde Dona Iracema vive tem um nome de um santo que é exemplo do sincretismo religioso. São Benedito é um santo negro muito festejado tanto na Igreja Católica quanto nos terreiros e grupos folclóricos, vide Tambor de Crioula, que fazem o sincretismo religioso comemoram seus orixás e associam eles a santos católicos. Abaixo segue uma

tabela com algumas entidades e as respectivas correspondências que há entre a religião de matriz africana e o catolicismo.

ORIXÁS	SANTOS CATÓLICOS
IROCO	SÃO FRANCISCO DE ASSIS
EXU	SANTO ANTONIO
OSSAIM	SÃO BENEDITO
IEMANJÁ	ASSOCIADA A VIRGEM MARIA.
OXOSSI	SÃO SEBASTIÃO

Tabela 02 Orixás sincretizados com santos católicos.

Fonte: Dados coletados a pesquisa.

O sincretismo religioso evidencia que não há uma influência total do catolicismo. Os Terreiros do bairro São Francisco, que não tiveram nenhuma influência na denominação do seu bairro, obedece à mesma concepção sincrética levando nome de santos católicos em suas Tendras. Aqui é importante salientar que o foco é o sincretismo no nome dos bairros da cidade, uma vez que o bairro é um elemento à urbe, e nele há a presença do imaginário. Os zeladores não se incomodam com os nomes dos santos escolhidos pela elite para intitular os bairros.

Quando um zelador observa o nome do bairro, o mesmo observa não apenas o nome do santo católico, mas sim o correspondente sincretizado. Assim, o bairro onde esse zelador mora tem um significado. O imaginário e o sentido de terra da magia se efetiva por meio de uma relação sincrética. Observa-se isso na fala de Dona Iracema da Conceição sobre a ordem dos acontecimentos entre a estruturação do seu terreiro e o surgimento da igreja de São Francisco:

Era só um caminho mesmo, uma veredinha. O terreiro começou antes da igreja de São Francisco e muito ali não existia, nem ninguém. Ali era só mato mesmo. Não tinha casa, não tinha nada. Nesse tempo a gente cozinhava na lenha (onde hoje se encontra o supermercado) Carvalho. Até em cima nós ia era buscar lenha, porque nós cozinhava na lenha nesse tempo (CONCEIÇÃO, 2015).

Buscou-se ainda, durante a entrevista de Dona Iracema, entender mais precisamente como foi o processo de formação do bairro São Francisco, e também do Bairro São Benedito. O que ela apresentou foi uma história cuja ordenação estava permeada de lacunas, mas foram obtidas informações de forma indireta. Tudo isso remete a uma reflexão que permite entender a atual realidade vivida nos bairros com relação aos terreiros e a Igreja Católica. Os terreiros estão situados dentro dos bairros e tem a sua realidade, mas eles não se coadunam com a comunidade. Não há muitos eventos de solidariedade por esses terreiros, exceto os atendimentos feitos pelas benzedadeiras com atividades de pajelança.

Acerca da discussão sobre os nomes dados aos bairros, vale ressaltar que ao longo das entrevistas, seu Aluízio Mota demonstra através de sua memória, que o encantado tem grandes influências na vida dos brincantes; é interessante mencionar isso a título de informação sobre como é escolhido o santo padroeiro de uma tenda, visto que se acreditava numa escolha subjetiva com base na sua devoção por determinado santo. Assim, o pai de santo Aluízio Mota manifesta-se a respeito dessa realidade que aqui se concretiza.

Porque quando é na época, que a gente vai fazer o serviço. Eu vou entrar no camarim pra receber meu batismo, o batismo dos guias da gente. Eu fui batizado em 47, ano que nasci, na cidade de Rosário. Agora quando a gente vai pedir a preparação da cabeça para batizar os guias da gente, entra no camarim, num quarto. Quando a gente deita ali, se prepara para tudo. Alí o guia que vai dizer qual é o santo que você vai festejar, quais são dias de obrigação, ele vai (dizer) tudo. Tem pessoas que passam até 24 horas, mas tem gente que passa até 15 dias no camarim. Alí tem o preparamento de tudo a partir da comida. A gente não pode é dizer o que come lá dentro. E assim a gente aprende como deve preparar o seu povo (MOTA, 2015).

Como se pode observar, não são os zeladores que definem o que fazer nos terreiros, eles são instrumentos da vontade e necessidades dos guias. Vontades estas que terminam por interferir na cidade. Diante do que foi exposto, infere-se que conhecer a história da cidade permitiu entender a configuração de uma cidade cuja história está marcada pela influência africana e que contribuiu para que no cerne do surgimento dos primeiros bairros de Codó estivesse a presença dos zeladores de santo.

O terreiro tem a sua peculiaridade e dele emana a áurea colhida pela sensibilidade dos zeladores de santos. Essa afirmação permite o surgimento de uma cidade imaterial dentro da cidade real. A história dos bairros da cidade é um exemplo de que o terreiro tem o seu valor dentro.

Considerações Finais

Diante do que foi apresentado neste texto, Codó não é apenas uma cidade, mas um espaço onde se produziu uma polissemia de representações, norteadas por interesses culturais, religiosos e sociopolíticos, a tal ponto de se tornar conhecida nacionalmente. Para tanto, outros estudos foram imprescindíveis para, junto com os zeladores de santos e os terreiros, formarem a imagem da cidade como “terra da magia”.

Os zeladores de santo são detentores de um saber-poder que os tornam singulares dentro da cidade. Ao acompanhar a genealogia dos zeladores na religião e o processo de

construção dos espaços sagrados, percebe-se imagem que foi construída. Para eles a terra é cheia de mistério porque é o local escolhido pelo encantado. Até mesmo os nomes dos bairros refletem não apenas o catolicismo, mas o sincretismo latente na vida dessas pessoas.

Sendo assim, foi necessário narrar a cidade imaterial, cuja análise atentou em perceber o simbólico. Partindo da história oficial, foi-se direcionando o olhar para uma História de Codó diferente onde as representações, as quais foram capazes de imaginar a notoriedade de uma cidade por meio de sua forte manifestação religiosa, permitiram compreender a história da cidade e entender o porquê dos terreiros de santo fazerem parte da cidade.

Artigo recebido em 11 fev. 2018.

Aprovado para publicação em 19 abril 2018.

Referências

AHLERT, Martina. *Cidade relicário: uma etnografia sobre terecô, precisão e Encantaria em Codó (Maranhão)*. 2013. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

BARNES, Sandra T. *Africa's Ogun: Old World and New*. Indiana *University Press*. p. 91, 1997.

BARROS, José de Assunção. *Cidade e história*. Petrópolis: Vozes, 2007.

BARROS, Sullivan Charles. *Encantaria de Bárabara Soeira: a construção do imaginário do Medo em Codó – MA*. 2000. Dissertação (Mestrado Sociologia) – Universidade de Brasília, DF. 2000

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo demográfico 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de Fazer*. Tradução de Eplaim Ferreira Alves. Petrópolis. RS: Vozes, 1994.

MACHADO, João Batista. *Codó, histórias do fundo do baú*. São Luís: FACT/UEMA, 1999.

MATOS, Maria Izilda Santos de. *A cidade, a noite e o cronista*. Bauru: EDUSC, 2007.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades Visíveis, cidades Sensíveis, cidades imaginárias. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 27, n. 53, p. 11-23, jan./ jun. 2007.

RIBEIRO, Jéssica Cristina Aguiar. *Saberes e fazeres das práticas afro-religiosas: a representação de Codó como meca da macumba maranhense e a construção dos estigmas de Bitá do Barão de 1950 a 1990*. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Estadual do Maranhão, Caxias, MA, 2012.

Entrevistas

CONCEIÇÃO, Maria Iracema. Entrevista concedida em maio de 2015.

MOTA, Aluizio. Entrevista concedida em maio de 2015.

SARDINHA, Maria dos Santos. Entrevista concedida em maio de 2015.